

ANTROPOLOGIA PÓS-HUMANA: DIÁLOGOS ENTRE TEOLOGIA E TECNOLOGIA

POST-HUMAN ANTHROPOLOGY: DIALOGUES BETWEEN THEOLOGY AND TECHNOLOGY

Oscar Roberto Chemello*

Resumo

O artigo aborda a questão do estatuto do corpo humano diante dos novos contextos biotecnológicos. A tecnologia busca realizar o sonho da superação dos limites do corpo humano, enquanto o culto da forma física procura manter a juventude eterna. Diante disso, a encarnação se apresenta como caminho redentor do corpo, a ressurreição de Jesus Cristo como corporeidade que salva e a ressurreição da carne como esperança para o ser humano. Assim se estabelece uma antropologia cristã sobre o corpo, capaz de abrir caminho para a redenção.

PALAVRAS-CHAVE: Corporeidade. Corpo humano. Antropologia cristã. Ressurreição da carne.

Abstract

The article addresses the question of the status of the human body in response to new biotechnological contexts. The technology seeks to accomplish the dream of overcoming the limits of the human body, while the Cult of physical fitness endeavors to maintain eternal youth. Thus, incarnation is presented as a way of redeeming the body, the resurrection of Jesus Christ as the embodiment that saves and resurrection of the body as a hope for humans. Therefore, a Cristian anthropology of the body capable to pave the way for redemption is established.

KEYWORDS: *Corporate. Human body. Christian anthropology. The resurrection of the flesh.*

* Mestre em Teologia pela PUCRS. E-mail: <Roberto.chemello@yahoo.com.br>.

Introdução

Tratar do corpo humano nos novos contextos biotecnológicos provoca um novo questionamento sobre o estatuto do corpo humano. O corpo perpassou nos debates das religiões, do cristianismo, da filosofia, e foi visto de muitas maneiras, sendo mais ou menos valorizado. Mas, hoje, o corpo surge como um novo lugar de debate ético e está longe de ser um assunto compreendido pelo próprio ser humano.

Nos últimos tempos, o corpo começou a deixar de ser pura naturalidade, corpo dado gratuitamente ao ser humano em que pouca coisa se poderia fazer para sua transformação. O ser humano manifestou no corpo formas culturais e religiosas, inscreveu ritos (pode-se falar da circuncisão judaica) e tatuagens. No corpo manifestaram-se estilos de vida e revoluções como o corpo dominado e disciplinado pelo ritmo de trabalho da revolução industrial. O corpo não poderia mais seguir seu ritmo de vida natural, mas adaptar-se ao horário da fábrica, ser disciplinado, treinado e sempre sadio para garantir o trabalho. O corpo doente ou deixado na sua naturalidade era visto como preguiçoso, incapaz e inútil para a sociedade industrial.

O corpo foi sendo abandonado na sua condição de “dado” gratuitamente para ser cada vez mais dominado e aperfeiçoado pelo ser humano. Ocorre um afastamento do ser humano que olha muitas vezes com desconfiança para seu corpo. As inscrições no corpo passaram da exterioridade para a interioridade, modificando sua estrutura interna, a genética, reprogramando a vida, internalizando a técnica para dentro do corpo. Isso faz pensar no novo corpo humano que surge e nas novas representações do ser humano que surgem a partir desse novo corpo. Este não está mais fadado ao destino e à ditadura do acaso da natureza que domina o corpo; mas o corpo se transformou em projeto a ser construído.¹ Uma nova interpretação do corpo surge com as novas tecnologias que percebem a interação acelerada do humano com a técnica numa mútua relação de aperfeiçoamento e humanização. Também a nova leitura a partir dos óculos da tecnologia, que faz reler a história do corpo, também faz pensar a leitura teológica que se pode fazer do corpo.

O corpo se tornou objeto de estudo das ciências naturais, mas também das humanas, da cultura, da informática; aumentam as edições de livros e revistas sobre o corpo, que discutem como obter o corpo

¹ Cf. HAKER, H. *O corpo perfeito: as utopias da biomedicina*, concilium, p. 8-10.

ideal, a melhor dieta, a melhor forma física, cirurgias, tatuagens, roupas, moda, pinturas, nova sexualidade e nova formação de identidade... uma infinidade de temas que colocam o corpo num bombardeio de assuntos. A humanidade busca compreender o corpo para poder compreender-se a si mesma.

Nessa busca, o corpo é colocado na esteira dos pensadores, para ser visto em todos os seus aspectos. Percebe-se primeiro que o corpo sempre esteve inscrito no processo de humanização, na formação cultural, social e religiosa. O ser humano sempre interferiu no seu corpo, inscrevendo nele uma forma cultural. “No corpo inscrevemos nossa experiência social, revelando nosso pertencimento”.² Falar sobre o corpo não é apenas tratar de sua carne, da dimensão biológica, mas de pensá-lo como símbolo e expressão cultural existente.

A manipulação corpórea não é novidade dos tempos remotos, mas, na opinião de diversos autores, como Marzano-Parisoli, “o corpo humano jamais foi aparentemente tão *mimado* como hoje”.³ Nas diversas manipulações e atuações sobre o corpo, sofridas ao longo dos tempos, o modelo atual da cultura carrega uma obstinação na atenção dada ao corpo nunca vista. O corpo é tratado como alvo de um padrão de beleza e saúde que afeta cada vez mais as pessoas que buscam sua perfeição. Ocorre uma rejeição de toda fraqueza corpórea, vulnerabilidade, flacidez, doença, para poder atingir, com muito sacrifício e disciplina um corpo ideal, saudável e perfeito. O corpo simboliza toda a fraqueza e mortalidade da pessoa, e, nos padrões estéticos e de saúde, passou a ser combatido com as mais diversas tecnologias, farmacologias, academias e dietas, para vencer a mortalidade e manter a juventude. O ser humano, neste século XXI, inicia uma luta da pessoa para salvar-se do corpo mortal e frágil.

O fenômeno do culto ao corpo parte de um estágio em que o corpo é demonizado, escondido, fonte de vergonha e pecado e culmina com o corpo das academias e sua explosão de músculos, atingindo seu grau máximo de ilustração com a emergência e a multiplicidade das estratégias de *body-building*, as cirurgias estéticas, os implantes e a profusão de técnicas médicas, químicas, cosméticas e de vestuário.⁴

² KEMP, K. *Corpo modificado, corpo livre?* São Paulo: Paulus, 2005. (Questões fundamentais do ser humano, 4), p. 5.

³ MARZANO-PARISOLI, M. M. *Pensar o corpo*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 23.

⁴ FONTES, M. Os percursos do corpo na cultura contemporânea. In: COUTO SOUZA, E.; GOELLNER VILODRE, S. (Org.). *Corpos mutantes: ensaio sobre novas (d)eficiências corporais*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2009, p. 77.

Homens e mulheres entregam-se de uma forma inédita aos padrões culturais e às manipulações do seu corpo para superar as deficiências da carne vulnerável. Graças aos grandes avanços biotecnológicos, o ser humano deseja alcançar a salvação para o corpo mortal. A busca de uma eterna juventude, seguir o modelo de um corpo ideal, constrói um novo imaginário para o corpo. Ele deixou de ser um elemento dado naturalmente, entregue ao acaso da natureza, sem possibilidades de mudanças na sua estrutura biológica e genética, para ser cada vez mais plástico e performático. O destino imutável da natureza é invertido pela ação de um poder tecnológico que faz o ser humano “reescrever” seu curso de vida. Outorgou para si o domínio do curso da sua vida.⁵

Nas academias, tonificam o corpo, superando a ideia dos padrões de beleza antigos. Corpos sarados significam, agora, corpos saudáveis, perfeitos e dominados. Destaca-se a mulher que deixa de ter o corpo mais gordo, das imagens do Renascimento, ou do corpo sensível e frágil, para corpos musculosos, resultando numa nova identidade e padrão de beleza feminina. “Não se trata mais da imitação de Cristo, mas de imitação de Schwarzenegger. Não se aconselham mais exercícios espirituais, como os recomendados por Santo Inácio, mas exercícios em academias de musculação”.⁶

O corpo não pode mais estar entregue à naturalidade, para seguir seu curso natural de desenvolvimento. O corpo, deixado ao natural, representa um corpo desleixado, descuidado, entregue às paixões. Corpos manipulados representam pessoas disciplinadas, cuidadoras de si, e que, graças ao seu esforço, podem ser admiradas, amadas e felizes. Couto comenta sobre a incidência da tecnologia no corpo, no século XXI, com o objetivo de libertar o corpo da pessoa das imperfeições, falhas e de tudo o que desagrada, para manter uma juventude vigorosa e feliz. O uso de tecnologias, medicamentos e manipulação genética serve para livrar a pessoa do peso mortal de sua carne.⁷

⁵ Cf. PAIVA, L. L. Corpos amputados e protetizados: ‘naturalizando’ novas formas de habitar o corpo na. In: COUTO SOUZA, E.; GOELLNER VILODRE, S. (Org.). *Corpos mutantes: ensaio sobre novas (d)eficiências corporais*, p. 160.

⁶ ROUANET, S. P. O homem-máquina hoje. In: NOVAES, A. (Org.). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*, p. 54.

⁷ Cf. COUTO SOUZA, E. Uma estética para corpos mutantes. In: COUTO SOUZA, E.; GOELLNER VILODRE, S. (Org.). *Corpos mutantes: ensaio sobre novas (d)eficiências corporais*, p. 44.

A mudança radical é responsabilidade do ser humano, ao recriar seu próprio corpo, criado uma primeira vez “falho” e mortal por Deus. O corpo se torna objeto de uma reinvenção e um domínio prometêutico, que é capaz não apenas de modificar sua estrutura externa, mas alterar aquilo que era o seu lugar secreto – seu código genético. Os genes podem ser corrigidos para evitar doenças futuras: aperfeiçoar as capacidades naturais, ou determinar a cor dos olhos, do cabelo, o sexo. Seja na dimensão externa do corpo, seja na interna, ele é cada vez mais plástico e dominável. O uso de próteses, marcapassos, óculos ou, na sua dimensão interior, com a atuação no código genético, o corpo é artificializado com intensidade nunca vista. O processo de naturalização do corpo artificial chama a atenção neste século. É cada vez mais natural o corpo ser artificial, na intenção de obter corpos com maior resposta aos nossos desejos de saúde perfeita e correção das falhas corpóreas. Segundo Couto, o sonho de potencializar o corpo humano, superar suas fraquezas, é antigo. Desde a mitologia, e chega aos nossos tempos com um grau de realização desse sonho, que chega a pensar na própria superação da morte.⁸

O ser humano volta-se para os cuidados com seu corpo. Embora a tecnologia ganhe tom de uma salvação secular do corpo, o cristianismo não deve sentir receio do diálogo com ela. O cristianismo une-se à modernidade no projeto de transmitir saúde e salvação para o corpo. A religião cristã terá credibilidade com a modernidade se souber voltar sua atenção aos cuidados do corpo. A esperança e fé na salvação do corpo pela ação de Deus se aproxima do culto moderno de corpos perfeitos e salvos da fragilidade. Ambos possuem o mesmo objeto de ação.⁹

1 O corpo nas dimensões salvíficas da tecnologia

A biotecnologia promove o sonho da superação dos limites da mortalidade no corpo humano. Com uma nova ideia de natureza, recriada pelo ser humano com a manipulação genética, o corpo começa a livrar-se do peso da morte. Graças a essas mudanças, os conceitos de mortalidade e imortalidade não são mais absolutos. Na visão pós-humana, a técnica ganha ares de uma “esperança messiânica escatológica”, de

⁸ Cf. *Idem*, p. 46-48.

⁹ FAMERÉE, J. O corpo, caminho de Deus. A problemática. In: GESCHÉ, A.; SCOLAS, P. (Org.). *O corpo, caminho de Deus*, p. 24.

uma restauração da humanidade decaída e mortal. A tecnologia aparece como a salvação para o corpo mortal. Pela reengenharia da natureza humana, busca-se a superação da morte, dos males, das doenças e das deficiências que podem ser vencidas. A vitória oferecida por Deus, no fim dos tempos, acontece agora pela ação secularizada do humano, que não espera a realização do humano integral da criação, mas opera tecnologicamente uma esperança do Adão integral do gênese.¹⁰

A realidade técnica não se reduz apenas aos instrumentos materiais, mas reveste-se de uma linguagem religiosa de salvação ou condenação do ser humano pela técnica. Evidentemente, que essa teoria não é unânime,¹¹ e é inegável que a tecnologia ganha um fetichismo, um grau de esperança que ela possa dar salvação ao corpo mortal do ser humano e a todas suas deficiências corporais. A tecnologia não trata apenas de aparelhos e máquinas, mas de uma espiritualidade que busca a retomada do ser humano integral do início da criação.

Os discursos sobre as novas tecnologias se revestem de uma denotação religiosa: para os eufóricos, ela representa a “tarefa sagrada” de salvação para o ser humano decaído pelo pecado e reintegra-o à felicidade perfeita do paraíso perdido de Adão. Para os catastróficos, a tecnologia é a condenação do ser humano ao inferno e à danação. A discussão sobre o surgimento de uma nova humanidade, reelaborada pela engenharia genética, aproxima a ciência do discurso religioso de promessas salvíficas para o ser humano.¹² Compreendendo a fé nesse projeto tecnológico, percebe-se o motivo pelo qual ele resiste a tantas críticas e questionamentos éticos, avança firme em seus propósitos. O tom salvífico da tecnologia vem ao encontro das pessoas que esperam uma vida sem males, dores, com saúde perfeita. O sonho de uma nova humanidade sempre fez parte das mais diversas culturas, e a

¹⁰ Cf. WESTPHAL, E. R. *Ciência e bioética: um olhar teológico*. São Leopoldo: Sinodal, 2009, p. 67-71.

¹¹ Citam-se dois autores que não parecem concordar com a dimensão religiosa da tecnologia. Umberto Galimberti, no livro *Psiche e techne*, mostra que o tempo da técnica é projetural, diferente do tempo cíclico da natureza. O tempo da técnica é o tempo da mediação entre o objetivo e os recursos, para se realizar algo, não sendo uma projeção de esperança salvífica do futuro, segundo p. 39. Santaella, no livro *Cultura e artes do pós-humano*, também parece mostrar a ilusão de uma volta ao estado primordial da natureza, fruto de uma “saúde sonhadora e materna”, p. 228.

¹² Cf. LECOURT, D. *Humano pós-humano: a técnica e a vida*, p. 19-20.

criação de seus “mitos messiânicos” mantém a promessa de um futuro melhor.¹³

E realmente esse sonho correspondia a uma certa interpretação dos textos sagrados. Um sonho teológico, um sonho milenarista que prometia ao homem um retorno ao estado paradisíaco de antes da Queda, graças à tecnologia, que poderia ser chamada originalmente de tecnoteologia. [...] A sua fé na tecnologia é, como veremos, uma verdadeira fé. Eles anunciam não o fim do mundo ou da humanidade, mas sim a entrada triunfal da nossa espécie na era da “pós-humanidade”, graças à inteligência artificial.¹⁴

A proposta da ciência moderna, segundo Bacon, é uma dimensão de reconstrução do Adão perdido do paraíso. A técnica tem a missão salvífica de buscar o Adão perfeito da criação, “como sendo aquele que preside toda obra criadora. Ele é o primeiro a entrar no templo maravilhoso da criação de Deus e ele mesmo é o sacerdote desse culto”.¹⁵ O primeiro Adão representa a perfeição humana, integralidade, saúde e o domínio da natureza, enquanto o segundo, depois da queda, vive o sofrimento e as penas de cultivar a Terra. Esse Adão decaído sonha em voltar ao paraíso perdido.¹⁶ Isso afirma o próprio Bacon:

Pelo pecado o homem perdeu a inocência e o domínio das criaturas. Ambas as perdas podem ser reparadas, mesmo que em parte, ainda nesta vida; a primeira com a religião e com a fé, a segunda com as artes e com as ciências. Pois a maldição divina não tornou a criatura irreparavelmente rebelde; mas, em virtude daquele diploma: *comerás do pão com o suor de tua fronte*, por meio de diversos trabalhos (certamente não pelas disputas ou pelas ociosas cerimônias mágicas), chega, enfim, ao homem, de alguma parte, o pão que é destinado aos usos da vida humana.¹⁷

¹³ Cf. MOSER, A. Biotecnologia: enfim o admirável mundo novo? *Convergência*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 345, set. 2001, p. 426.

¹⁴ LECOURT, D. *Humano pós-humano: a técnica e a vida*, p. 44.

¹⁵ SOUZA, V. J. *Projeto genoma humano: utopia do homem geneticamente perfeito*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 82.

¹⁶ Cf. SOUZA, V. J. *Projeto genoma humano: utopia do homem geneticamente perfeito*, p. 83.

¹⁷ BACON, F. *Nova organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza: nova Atlântida*. São Paulo: Nova Cultura, 1999 (Coleção Os pensadores), p. 218, livro II, LII.

Com sua influência, o projeto moderno, gradativamente, buscou o domínio da natureza e, mais tarde, especificamente, do corpo; acentuou a importância da medicina, com o propósito de diminuir o sofrimento e evitar qualquer tipo de mal para as pessoas. O culto pela integralidade e saúde do corpo humano foi tomando cada vez mais espaço na medicina e na tecnologia moderna. O sofrimento passa a ser algo sem sentido, não é mais um crescimento espiritual nas mãos de Deus, mas algo a ser combatido e eliminado pela técnica. A tecnologia assume o papel quase salvífico de livrar as pessoas do sofrimento, das doenças e contribuir para a potencialização dos benefícios humanos para a maior glória de Deus. A medicina deve eliminar todos os pesos da realização humana.¹⁸

São firmadas as bases da ciência que se compreende como salvadora da humanidade decaída pelo pecado. O ser humano entregue a si mesmo, expulso do paraíso, tem a tarefa de buscar a saúde perfeita, o domínio da natureza e conquistar com seu esforço a integralidade e a imortalidade perdidas. O ser humano, com a tecnologia de hoje, não espera mais a providência divina, mas, em todo momento, busca inovações para salvar as pessoas dos seus males. A tecnologia torna-se uma religião, algo sagrado, ou seja, considerada intocável e inquestionável. Todo questionamento a esse processo é uma ofensa, um retrocesso de pessoas que não querem o benefício da saúde para a humanidade.

Notam-se, porém, limites para essa esperança tecnológica para a salvação secular do corpo pela técnica. O processo de autossalvação do ser humano pelas suas próprias forças produz um paraíso terrestre, o total imanentismo, no qual adquirir salvação significa obter bem-estar social e físico. Busca-se entrar na glorificação terrena do corpo perfeito, do alto padrão de vida e consumo, da saúde corporal como ausência de qualquer dor e sofrimento. A autossalvação, produto do esforço humano, individualiza as utopias e os sonhos de vida digna. Cada ser almeja sua realização sem a preocupação com a salvação da comunidade social. É salvação sem a presença do outro, que, pela lógica, torna-se adversário nesse mercado competitivo de salvação. Resultados lógicos são aqueles que não conseguem produzir méritos para salvarem-se; ficam excluídos do paraíso e deixados de lado pela sua fraqueza. Os “messianismos seculares” acontecem nas áreas da informática, biologia, economia e na autorrealização; todas formas de atingir o bem-estar, a plenificação

¹⁸ Cf. SONG, R. *Genética humana: fabricando o futuro*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 122-125.

do humano atrás da realização de seus desejos imediatos. Não dá para esperar a salvação futura. O momento de salvação é aqui e agora: consumir vitalidade, prazer, emoção e sucesso; tudo experimentado nesta vida.¹⁹

Uma salvação secular tecnológica acaba condenando muitos que não conseguem obter os meios de inclusão nesses modernos meios tecnológicos. A salvação pela técnica não abrange a todos, mas àqueles que podem pagar por ela. Nesse sentido, a salvação de Jesus ainda continua atual e profética para as discriminações que podem ocorrer na soteriologia tecnológica. Jesus inclui a todos na salvação gratuita e universal.

2 Encarnação: caminho redentor do corpo humano

O Cristianismo tem, como ponto de origem da Revelação, a afirmação da encarnação do Verbo de Deus.²⁰ Jesus assumiu a nossa carne, nossa condição frágil e mortal para, a partir dela, nos conduzir para a ressurreição da carne. A carne não pode ser desmerecida e tratada como um peso, pois ela é local da Revelação e salvação do gênero humano, por meio de Jesus de Nazaré. A religião cristã não pode ser considerada aquela que condenou o corpo como lugar da tentação e do pecado (embora com as influências dualistas e pessimismos antropológicos), mas centrada no corpo de Jesus, considerado o lugar da plenitude do espírito de Deus e de sua doação de vida aos homens.²¹

Na Tradição da Igreja, desde o Novo Testamento e passando pela Patrística e pelo Magistério, a encarnação de Jesus está intrinsecamente

¹⁹ Cf. GESCHÉ, A. A invenção do corpo. In: GESCHÉ, A.; SCOLAS, P. (Org.). *O corpo, caminho de Deus*, p. 204-207.

²⁰ O prólogo do Evangelho segundo São João, 1, 1;14, revela que o Verbo de Deus, que estava em Deus era Deus desde o princípio, encarnou-se na pessoa de Jesus de Nazaré. Jesus é o verbo encarnado de Deus. O evangelista utiliza o termo *carne* para falar da pessoa de Jesus. Segundo nota de rodapé, *carne* designa o homem na sua condição de fraqueza e mortalidade, sublinhando que Jesus veio habitar na nossa humanidade completa. Em *Rm 7,5-6*, quando estávamos na *carne*, as paixões produziam frutos de morte. Agora estamos livres, morrendo para o que nos mantinha cativos. Também aqui a carne designa a matéria corporal, mas que se opõe ao espírito. Seguindo o termo *basar*, indica o que é fraco e perecível na condição humana e o homem fraco diante de Deus.

²¹ Cf. GESCHÉ, A. A invenção cristã do corpo. In: GESCHÉ, A.; SCOLAS, P. (Org.). *O corpo, caminho de Deus*. p. 28.

unida à redenção (cristologia e soteriologia). No Evangelho segundo Mateus, o anjo do Senhor anuncia a José a missão salvífica do filho de Maria: “Ela dará à luz um filho e tu o chamarás com o nome de Jesus, pois ele salvará o seu povo dos seus pecados” (*Mt* 1,21). Nas cartas joaninas, encontram-se referências de que Deus enviou um salvador de nossos pecados. “Nisto consiste o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele quem nos amou e enviou-nos o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados” (*IJo* 4,10). Na carta aos Romanos, São Paulo apresenta a fé em Jesus Cristo para a salvação das pessoas: “Porque se confessares com tua boca que Jesus é o Senhor e creres em teu coração que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo” (*Rm* 10, 9). A fundamentação bíblica revela o nome de Jesus como o salvador da humanidade; sua encarnação tem propósito salvífico.

Jesus Cristo, assumindo nossa humanidade, já traz em si uma supervalorização da dignidade do corpo humano. Sua vida confirma esse cuidado com a dignidade de todo o corpo humano. Os milagres não são apenas sinais de saúde física, mas da presença do Reino de Deus, que recupera o corpo atingido pelo pecado e pela debilidade da condição humana. Dar alimento aos famintos; fazer os cegos verem, os surdos ouvirem, os coxos andarem são sinais de restauração corpórea, mas que transcendem, sendo sinais, no corpo, da salvação destinada a toda pessoa na sua integralidade. Enfim, o corpo doado na última ceia, o corpo crucificado enfatizam o amor divino pelo ser humano. Jesus doa o seu corpo para a redenção do corpo humano. No corpo crucificado temos um fator humanizador, que pode ser recuperado nesses tempos tecnológicos. É o ser humano humanizado não apenas com o poder tecnológico que supera seus limites, que tudo transforma e produz com seu esforço, mas o ser humano que se forma a partir da humildade, do dom recebido, do acolhimento. O ser humano não apenas se forma com a técnica, mas inclui o amor recebido, a fragilidade respeitada; o ser humano não apenas como conquista técnica, mas como dom recebido.

Conclui-se, portanto, que a encarnação de Jesus nos orienta para uma antropologia integral de corpo e alma e também o seu corpo aponta para a ressurreição salvadora de Jesus, destinada ao gênero humano. Ao assumir a condição humana, Deus não eliminou a fraqueza, a mortalidade e não combateu a natureza humana. Na debilidade do corpo, Jesus ressuscita dos mortos para vivificar toda carne humana que sofre as dores, as doenças e a morte. Seu corpo não se restringiu ao biológico histórico, mas a um corpo escatológico, que traz esperança

para todo corpo mortal. Assim, entende-se que Aquele que se encarnou e ressuscitou é esperança para nossa carne humana mortal.

Jesus, na sua obra, colocou o bem da vida humana no centro de sua ação. Sua salvação incluía a recuperação física das pessoas, com tantos exemplos narrados nos Evangelhos. “Eu quero, seja curado” (*Mt* 8, 3). Mas a salvação também não se reduzia ao benefício físico, sendo ampliado para abertura de vida eterna: “Teus pecados estão perdoados” (*Lc* 7,48). O poder terapêutico de Jesus trazia esperança para os doentes e necessitados de salvação. A recuperação física não reduzia a ação de Jesus que alargava a economia da salvação para a integralidade da vida humana em todas as suas dimensões. A abertura de fé em Jesus também resulta na atitude corajosa e confiante diante dos sofrimentos que ainda não foram vencidos.

3 A ressurreição de Jesus: corporeidade que salva

A profissão de fé proclama esta verdade central do Cristianismo: Jesus ressuscitou no terceiro dia.²² A profissão de fé ensina que o verbo encarnado, o mesmo Jesus que foi morto, é o ressuscitado que virá julgar os vivos e mortos e que, no Espírito, ressuscita toda a carne.

A carta de São Paulo aos Coríntios (*1Cor* 15, 35-53) traz um texto importante sobre a relação do corpo mortal e ressuscitado. Como os mortos ressuscitam? Com que corpo retornam? Há dificuldade, nessa comunidade, de entender a ligação da salvação com a corporeidade de Jesus. A salvação não é uma imortalidade da alma e desconsideração carnal, mas uma transfiguração da condição carnal da pessoa para uma nova corporeidade.²³ Paulo ataca a negação grega da carne para a salvação do ser humano. O apóstolo faz diversas comparações dos tipos de corpos: comparados com a semente que morre para nascer uma planta; nascemos num corpo corruptível para ganhar um corpo incorruptível; num corpo psíquico para um corpo espiritual; num corpo terrestre (Adão), transformado à imagem do corpo espiritual do segundo

²² Cf. Catecismo da Igreja Católica, n. 638-658. Também Denzinger-Hünermann, na primeira parte, n. 1-100, ensina o símbolo da fé em diversas versões, mas que proclama a ressurreição de Jesus dentre os mortos.

²³ Nesse texto, não existe a preocupação com o debate sobre o momento da ressurreição dos mortos: se logo após a morte pessoal, se na Parusia ou no fim dos tempos. Nem mesmo um “tempo” intermediário e a situação da alma enquanto aguarda a ressurreição. O foco é a esperança que a ressurreição lança sobre a vida terrena do ser humano.

Adão. O corpo mortal e frágil se reveste de um corpo glorificado, uma “corporeidade pneumática”, em que o que é mortal e corruptível se reveste da imortalidade e incorruptibilidade. São Paulo insiste na centralidade da ressurreição de Jesus Cristo para fundamentar a ressurreição dos mortos. É porque Cristo ressuscitou que os mortos ressuscitam e não o contrário. Cristo aparece como primícias dos que morreram, Aquele que chama para a nova existência.²⁴

Jesus na sua carne, doada-crucificada-ressuscitada, salva a humanidade do poder do pecado e da morte. A corporeidade de Jesus não foi desprezada ou anulada pela sua ressurreição, mas assumida, e a partir dela, transmitida ao gênero humano. Negar a ressurreição corporal de Jesus é negar um fato essencial do Cristianismo: a salvação depende da ressurreição de Jesus. Sem a encarnação e ressurreição desaparece a esperança cristã para a nossa salvação redentora, que acontece graças a Jesus. *En cualquier caso, el pensamiento del Apóstol es claro: la negación de la resurrección corporal desintegra los fundamentos mismos de la fe y acaba con la genuina esperanza de la salvación, que no puede ser sino una salvación encarnada y escatológica.*²⁵

A ressurreição de Jesus estende-se para a recriação, para a ressurreição de toda a criação. Ruiz de la Peña escreve: *Em suma, según Pablo, resucitamos porque Cristo ha resucitado y a imagen de Cristo resucitado: él es causa eficiente y ejemplar de nuestra resurrección.*²⁶ Jesus “recebe” a ressurreição e a transmite, é causa da

²⁴ RUIZ DE LA PEÑA, R. L. *La pascua de la creación: escatología*. 2. ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2002 (Serie Manuales de teología), p. 153-155. Para São Paulo, o termo *corpo* (*sôma*) não significa uma parte separada do ser humano, o corpo e a alma, mas o homem na sua inteireza, nas suas relações com os outros e com o mundo. É o homem na sua condição histórica, solidário com os demais, débil na sua naturalidade. O termo mostra a pessoa humana na sua integridade e totalidade visto em todas as suas dimensões. Ruiz de la Peña, no livro *Imagen de Dios: antropología teológica fundamental*, p. 70-78, nos ensina que a oposição não está na relação alma/corpo, mas carne (*sarx*) espírito (*pneûma*). O termo *sôma* é menos frequente que *sarx* nos textos paulinos. A diferença paulina de “viver na carne” e “viver segundo a carne” (2 Cor 10,3; Gal 2,20; 5, 16-26; Fl 1,22) denota um vida fechada ao espírito de Deus. Viver na carne é assumir a mortalidade própria, nossa existência criatural. Viver segundo a carne é fechar a existência humana para a relação com Deus, entregando assim a existência ao pecado, aos vícios e a todos os tipos de pecado contra a vida guiada pelo Espírito que produz frutos de amor. Nesses termos, a carne é o local do pecado e da perdição.

²⁵ RUIZ DE LA PEÑA, R. L. *La pascua de la creación* p. 153.

²⁶ *Idem*, p. 155.

ressurreição dos mortos. Pela sua ressurreição, recebemos vida nova, somos restituídos com a graça de Deus e adotados como seus filhos, herdeiros da participação em sua vida nova.²⁷ São Paulo nos escreve: “Pelo batismo nós fomos sepultados com ele na sua morte para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos vida nova” (*Rm* 6, 4). O Magistério assumiu a verdade bíblica e reforça a ligação da ressurreição de Jesus, que efetiva a nossa ressurreição. “Cremos que nós, purificados na sua morte e sangue, haveremos de ser ressuscitados por ele, no último dia, nesta carne na qual vivemos agora, [...]”.²⁸

No corpo de Jesus ressuscitado está plenamente o espírito vivificador que abre a nova criação de Deus. O espírito de Jesus continua a vivificar nossos corpos mortais, para que, na sua força, sejamos revestidos com um corpo glorificado. A ressurreição dos mortos, iniciada pela ressurreição de Jesus, como primícias dos que morreram (*I Cor* 15. 20), entra na ordem de um futuro escatológico de esperança de salvação para todo o gênero humano, para a natureza e para o cosmos. Significa a ação de Deus para vencer a morte e o pecado, fazer justiça aos crucificados do mundo, a exemplo de Jesus. É uma nova criação qualitativamente diferente da primeira criação.²⁹

Contra todas as tendências dualistas, a ressurreição corporal de Jesus é a genuína esperança de salvação para o ser humano. Seu espírito é derramado sobre a carne humana para glorificá-la, passar da condição de mortalidade e precariedade para a plenificação no espírito, da carne mortal. Na corporeidade de Jesus habita o espírito (cf. *Cl* 2,9), que leva a criação a um processo de reconciliação, de vida para todas as pessoas, de forma gratuita e total. É o espírito de Deus derramado sobre a carne para nossa ressurreição. É esperança para nosso corpo mortal, vulnerável aos sofrimentos, às doenças e ao risco do vazio existencial. Reflete-se, agora, o que significa a ação de Jesus ressuscitado na nossa carne.

²⁷ Cf. Catecismo da Igreja Católica, n. 654.

²⁸ Fides Damasi, n. 71, também cfe. IV Concílio de Latrão, n. 801; VI Sínodo de Toledo, n. 492-493, In: DENZINGER, H. Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral.

²⁹ MOLTMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: cristologia em dimensões messiânicas*, p. 289-291. Moltmann faz uma distinção entre História e Escatologia. Somente a cruz é histórica, sendo a ressurreição escatológica. Ela não entra na ordem da história, mas apenas na ordem escatológica da nova criação. O trabalho prefere seguir na linha da historicidade das aparições cristológicas.

4 A ressurreição da carne: esperança para o ser humano

Após percorrer um caminho bíblico-teológico para fundamentar a antropologia cristã, chega-se ao corolário da salvação de Deus: a ressurreição da carne. Entende-se aqui não uma ressurreição individualista; mas juntamente com o ser humano, todo o cosmos ressuscita para uma nova criação. O corpo está ligado ao cosmos; por isso, no fim dos tempos, a fraternidade humana, com seu ambiente, passará para outra forma de existência. Houve a preocupação de fundamentar antropologicamente a ressurreição da carne e de compreender o conceito bíblico de ser humano, e uma “antropologia cristológica”, fundamento da nossa ressurreição. Se errarmos na antropologia e na incompreensão sobre o corpo de Jesus, erra-se na soteriologia. A correta compreensão da ressurreição exige uma correta compreensão criacional e cristológica.

Acreditar na salvação não aparenta ser algo difícil para o ser humano. A noção de um elemento espiritual que sobrevive depois da morte perpassa mais tranquilamente pelo pensamento humano. Porém, existe a radicalidade do Cristianismo que escandalizou, ao afirmar que a salvação passa obrigatoriamente pela carne. A alma imortal que sobrevive após a separação do corpo corruptível e mortal não gerou polêmicas em diversas religiões e culturas. A carne, como fundamento soteriológico, causou escândalo em filosofias dualistas que privilegiam a alma racional e imortal.

Ireneu de Lião enfrentou a desconfiança da carne por seus opositores. Nas tendências dualistas, a carne era vista como incapaz de receber a incorruptibilidade e a imortalidade. Um pensamento corriqueiro no Ocidente, e presente nas formas de pensar pós-humanas: o dualismo que reduz e desconfia do corpo como sede de morte, pecados e fragilidades. A pessoa dividida em si mesma combate a causa de sua debilidade, de seu corpo, que deve ser sempre aprimorado para não falhar. A desconfiança sobre a carne é rebatida por esse teólogo: “Estultos, completamente, os que rejeitam toda a economia de Deus, negam a salvação da carne, desprezam a sua regeneração, declarando ser ela incapaz de receber a incorruptibilidade”.³⁰

O Cristianismo faz um caminho de salvação do ser humano na sua carne, na fraqueza e vulnerabilidade com os quais Deus opera o poder de nos salvar. Jesus foi o exemplo de salvação na sua carne assumida e

³⁰ IRENEU DE LIÃO, *Contra as heresias*, V, 2, 2.

glorificada e transmite para nossa carne o poder vivificador do Espírito. A carne é defendida, justamente na sua fraqueza, como capaz de receber a imortalidade. A encarnação confirma a dignidade do corpo e o torna meta da salvação de Deus. “Por outro lado, a carne se encontrará capaz de receber e conter o poder de Deus como no princípio recebeu a sua arte”.³¹

Sem primazia da alma e sem divisões, o ser humano reconciliado com alma e corpo não precisa combater a própria fraqueza. Ela se torna lugar do encontro com o poder de Deus que ressuscita a nossa mortalidade. A negação da carne, em lugar da sobrevivência natural da alma sem corpo, pode gerar uma humanidade autossuficiente, que perde a identidade criatural. Reconhecer a mortalidade carnal é um princípio humanizador; a categoria intrínseca da nossa condição que, quando perdida, não nos reconhecemos mais como *humanos*.

A inimizade do ser humano contra o corpo gera um sentimento de morte contra a carne, contra a natureza e contra o próximo. A esperança na ressurreição da carne é fonte de reconciliação do corpo e da alma e aceitação consciente da dinâmica do viver e do morrer com mais serenidade. Aceitar a condição vulnerável do corpo, mas com a esperança na sua vivificação no Espírito, significa aceitar o fato de que morremos e ressuscitamos a cada dia da vida. A esperança na ressurreição da carne gera confiança no poder de Deus que nos salva da morte. A vida não se torna uma luta contra a mortalidade, a angústia e a busca desesperada pelo corpo performático, sempre saudável e perfeito. A vida na confiança do poder de Deus engloba a mortalidade, a fraqueza para receber como gratuidade divina a recriação da vida. O ser humano não se salva a si mesmo, não produz o seu futuro renovado; trata-se de uma outra dinâmica da vida humana que acolhe a fragilidade, os sofrimentos para tudo ser ressuscitado na carne para a vida eterna.³² A questão pós-humana de uma erradicação da natureza humana, a busca de imortalidade ou as virtualizações do corpo podem ser reconduzidas. Pode-se ainda pensar na natureza plástica, vencer os limites humanos (mas sem oposição à carne), reconciliados com a natureza.

A esperança na ressurreição da carne implica uma forma específica de vida que, em alguns aspectos, diferenciam-se de uma esperança

³¹ *Ibidem*, V, 3, 2.

³² Cf. MOLTMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: cristologia em dimensões messiânicas*, p. 348-349.

tecnológico-científica de tratar a vida humana. Moltmann reflete sobre a influência da ressurreição para elaborar conceitos de saúde e medicina mais abrangentes que os conceitos gerados pela ciência moderna. Quando a salvação não se direciona para a alma racional, mas para o corpo, tem-se uma medicina que trata a pessoa como sujeito e não objeto de tratamento. Segundo o autor, a ressurreição proporciona atitudes diferentes diante da vida e da morte, da doença e da medicina, e sentimentos de compaixão aos sofredores.

A espiritualidade cristã pode recuperar o reducionismo antropológico, tendência da medicina moderna. É o paciente encarado como pessoa com a dignidade inerente e com o tratamento que cada pessoa merece. Assim, evitar-se-ia a mercantilização da medicina moderna, a comercialização da saúde, privilegiando aqueles que conseguem usufruir dos benefícios terapêuticos. A privatização da saúde para classes que podem consumir os recursos de recuperação, em detrimento daqueles que ficam à margem dos benefícios, é uma das questões problemáticas do modelo biotecnológico.³³

A vulnerabilidade humana traz, como consequência direta, o cuidado com a fragilidade da vida pessoal, e também com a fragilidade do outro. A fragilidade se torna apelo ético. O binômio mortalidade/imortalidade produz diferentes antropologias e atitudes diante do si mesmo e de Deus. É interessante observar os processos de divinização, resultantes do binômio. O pensamento pós-humano busca, com a tecnologia, o sonho da imortalidade humana, combatendo o símbolo da mortalidade: o corpo. Ora, basta lembrar que a característica da imortalidade é destinada às divindades, sendo a criatura finita e mortal. Portanto, o desenvolvimento biotecnológico conduz o ser humano a um processo de divinização. A imortalidade gera independência da relação com Deus e ocorre um endeuzamento do corpo humano.

A salvação tecnológica, embora sendo secular, produz a divinização do ser humano. A imortalidade descaracteriza o *humano*, coloca-o numa posição que não lhe pertence. As utopias de imortalidade e de autorrealização do ser humano mais causam desumanização que realmente humanização. O ser humano que endeuz o próprio corpo perde sua condição criatural e de relação dependente com o Criador. *La divinización del hombre no lo hace más humano, sino antes bien más*

³³ Cf. MOLTSMANN, J. O que é a vida humana? Antropologia e desenvolvimento biomédico, *Humanística e Teologia*, p. 81.

inhumano.³⁴ A antropologia moderna perde-se no sentido de ruptura de relação com o Criador. Reduz sua ação apenas no nível imanente, quando, na verdade, o ser humano forma-se na relação com o totalmente Outro. O ser humano se reconhece como humano na frente da divindade; então, reconhece-se como mortal e frágil, necessitado de graça e força do alto.

A salvação tecnológica individualiza o ser humano na sua busca isolada de salvar-se. No mercado da salvação, a noção de um paraíso terrestre, construído pela técnica, destrói a solidariedade entre as pessoas para cada um salvar-se do jeito que puder pagar. A ressurreição da carne, como salvação cristã, recupera o caráter universal e cósmico da salvação gratuita de Deus. O ser humano, juntamente com toda a humanidade e o mundo, recebe a salvação sem os méritos da conquista tecnológica mercantil. É verdadeira esperança para a vulnerabilidade humana, para os sofredores e excluídos da salvação tecnológica individualista, que não foram salvos pelo sistema.

A ressurreição, como momento escatológico, também é processo cronológico, que vai se realizando na vida humana. A esperança cristã na ressurreição da carne faz pensar sobre algumas questões, que podem ser discutidas em tempos biotecnológicos. O prolongamento da vida biológica não é suficiente para o desejo humano de sobrevivência, mas é a espiritualidade que qualifica a forma de vida que a máquina mantém. O tema do corpo tornou-se problemático. Quais os limites do corpo? As mudanças no corpo geraram mudanças no humanismo, com a tendência de abstrair-se do próprio corpo. A antropologia do pós-humano, ciborgue, trouxe questões novas a serem pensadas sobre nossa origem, nosso presente e futuro. Ninguém nega a importância da tecnologia, mas a ressurreição pode ser uma alternativa antropológica para pensar a nova relação humano/tecnologia.

Conclusão: O corpo como canteiro da redenção

Para concluir, destaca-se o lugar do corpo nesta época de avanços tecnológicos, meta da redenção divina e humana. Jesus teve como destino do seu amor salvar a vida corporal das pessoas carentes de dignidade. Sua boa-notícia não se prolongava apenas para o futuro, atuava no presente corpóreo das pessoas. A salvação acontecia diretamente para a pessoa na

³⁴ *Idem*, *El hombre: antropología cristiana en los conflictos del presente*, p. 145.

sua totalidade, atuava diretamente no corpo para curar a vida humana. A biotecnologia surge como criadora, procurando realizar, com seus recursos, alívio e cura para a vulnerabilidade humana. O ser humano com sua inteligência participa ativamente do progredir da criação rumo ao aperfeiçoamento. A criação está em aberto, espera ser cultivada pelo ser humano, que age como administrador do mundo ofertado por Deus. O corpo resume as forças de atuação de Deus e do ser humano para alcançar a redenção para a vida. Nesse período tecnológico, o corpo é o lugar especial das formas de atuação para a salvação.

O corpo pode ser um dos poucos *lugares* em que ainda existe espaço para o diálogo da religião com a ciência. A modernidade destronou os conceitos metafísicos, a alma, a realidade imutável de um mundo invisível, para tornar a metafísica uma antropologia. A modernidade volta-se para o homem, para a corporeidade, afirmando a ligação da vida-corpo; do corpo-ser humano; e nada pode ser considerado fora da corporeidade. Toda a vida e o que importa circunda o corpo. O que foge da materialidade, considerado metafísica, não chama a atenção para a cultura moderna. Nessa dinâmica, a religião da encarnação tem autoridade para falar do corpo. No corpo de Jesus acontece o cumprimento da promessa de salvação: o corpo doado na Eucaristia, crucificado e ressuscitado, o corpo humano curado das enfermidades pelo espírito de Deus. A religião cristã busca a vida plena das pessoas, e isso acontece na corporeidade de cada um. Salvar o corpo para salvar a vida integral das pessoas é meta divina e missão religiosa. Em tempos de busca de corpos perfeitos, sem doenças, jovens e investidos contra as imperfeições, a fé cristã e o desejo pós-humano falam a mesma linguagem.³⁵ A mensagem cristã para obter credibilidade na cultura tecnológica precisa direcionar-se para a dimensão corpórea, para a vida concreta nas suas dores e na sua vulnerabilidade. Caso contrário, será um discurso sem repercussão para o mundo.

A biotecnologia é uma forma de colaboração do espírito vivificador de Deus atuando para sanar as fragilidades do corpo humano. Porém, ela precisa ser equilibrada e responsável. As inovações proporcionam melhoras significativas na qualidade de vida das pessoas que podem prolongar o tempo da existência e acrescentar auxílio em tantas

³⁵ FAMERÉE, J. O corpo, caminho de Deus. A problemática. In: GESCHÉ, A.; SCOLAS, P. (Org.). *O corpo, caminho de Deus*, p. 18-24, sobre a relação do corpo com a modernidade.

deficiências que o corpo pode apresentar. Aparelhos, próteses e uma gama de tecnologia aliviam o sofrimento e oferecem esperança para o corpo abatido com doenças e limitações físicas.

O caminho para o corpo, que une biotecnologia e esperança cristã, deve ser responsável e dialogal. O cuidado com o corpo deve fazer parte do debate social: tecnológico, religioso, psicológico, político e ético. A técnica não pode sozinha ter o direito absoluto para salvar o ser humano sem responder pelas consequências de seus atos. A ciência representa o poder do ser humano sobre a criação, sua participação na condução da criação, que são postos para beneficiar a vida na Terra. O benefício deve ser integral para a humanidade: garantia de benefício para todos e para as gerações futuras. “A ciência e a técnica estão ordenadas para o homem, do qual provêm a sua origem e crescimento; portanto encontra na pessoa e em seus valores morais a indicação de sua finalidade e a consciência de seus limites” (CEC, 2293).³⁶

O Cristianismo expressa o grande valor da saúde do corpo e o tratamento para as deficiências que o corpo apresenta. A capacidade humana de encontrar soluções para os problemas mostra a capacidade doada por Deus desde a criação do ser humano, do ser sujeito, livre e criador do seu ambiente de vida. O impulso tecnológico não ofende a vocação humana de dar sentido à existência na Terra. O ser humano, como foi visto no Gênesis, é o administrador e condutor da criação, está na sua missão aperfeiçoar a natureza e a si mesmo.

A questão parece girar em torno do que é salutar para o ser humano. Documentos da Igreja³⁷ insistem no valor da saúde e dignidade do corpo humano, sem exaltações e divinizações. O excesso de “salvação” ao corpo resulta na sua condenação. A redenção do corpo está em aberto

³⁶ O Catecismo da Igreja Católica (CEC) aborda a relação da fé com a dignidade do corpo humano, da busca de saúde e a importância da técnica para esse objetivo. Mas lembra seus limites: o ser humano é a finalidade dos recursos e não meio das pesquisas; a necessidade de justiça, o respeito a leis morais para limitar o impulso inconsequente e imoral que possa agredir a dignidade humana.

³⁷ Os documentos referem-se a alguns exemplos do Catecismo da Igreja Católica, n. 2.288. A sociedade deve ajudar a promover a saúde dos cidadãos, para garantir o necessário para a vida digna. Porém, deve-se evitar o neopaganismo do culto ao corpo, idolatrado, perfeito, que pode produzir relações perversas entre as pessoas. A *Gaudium et spes*, n. 41, escreve que, nas várias opiniões sobre a natureza humana, a Igreja deve ter a prudência de purificar aquilo que denigre ou que exalta o corpo humano. O elogiado agir humano deve ser iluminado pelo Espírito de Deus para o bem dos homens.

para o debate entre a tecnologia e a religião. O desafio é fazer com que o ímpeto humano esteja de acordo com o espírito vivificador de Deus, para sanar todo o gênero humano, sem oprimir a nossa fragilidade. Ela é condição salvífica e humanizadora: na fraqueza se revela o poder de Deus em nós.

Referências

BACON, Francis. *Nova organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza: nova Atlântida*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção os pensadores).

BRAKEMEIER, Gottfried. *O ser humano em busca de identidade: contribuições para uma antropologia teológica*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2002.

CATECISMO DA Igreja Católica. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Loyola, 1993.

COUTO SOUZA, Edvaldo. Uma estética para corpos mutantes. In: COUTO SOUZA, Edvaldo; GOELLNER VILODRE, Silvana (Org.). *Corpos mutantes: ensaios sobre novas (d)eficiências corporais*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2009. p. 43-56.

FAMERÉE, Joseph. O corpo, caminho de Deus. A problemática. In: GESCHÉ, Adolphe; SCOLAS, Paul (Org.). *O corpo, caminho de Deus*. São Paulo: Loyola, 2009. p. 13-34.

FONTES, Malu. Os percursos do corpo na cultura contemporânea. In: COUTO SOUZA, Edvaldo; GOELLNER VILODRE, Silvana (Org.). *Corpos mutantes: ensaios sobre novas (d)eficiências corporais*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2009. p. 75-88.

GALIMBERTI, Umberto. *Psiche e techne: o homem na idade da técnica*. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. A invenção cristã do corpo. In: GESCHÉ, Adolphe; SCOLAS, Paul (Org.). *O corpo, caminho de Deus*. São Paulo: Loyola, 2009. p. 35-80.

HAKER, Hille. O corpo perfeito: as utopias da biomedicina. *Concilium*, Petrópolis, v. 2, n. 295, p. 8-18, 2002.

IRENEU, Santo, Bispo de Lião. *Contra as heresias: denúncia e refutação da falsa gnose*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995. (Patrística).

KEMP, Kênia. *Corpo modificado, corpo livre?* São Paulo: Paulus, 2005. (Questões fundamentais do ser humano, 4).

LECOURT, Dominique. *Humano pós-humano: a técnica da vida*. São Paulo: Loyola, 2005.

MARZANO-PARISOLI, Maria Michela. *Pensar o corpo*. Petrópolis: Vozes, 2004.

MOLTMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: cristologia em dimensões messiânicas*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. O que é a vida humana? Antropologia e desenvolvimento biomédico. *Humanística e Teologia*, Porto, tomo XXVIII, fasc. 1/2, p. 66-87, dic. 2007.

MOSER, Antônio. Biotecnologia: enfim o admirável mundo novo? *Convergência*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 345, set. 2001, p. 426-441.

PAIVA, Luciana Laureano. Corpos amputados e protetizados: “naturalizando” novas formas de habitar o corpo na contemporaneidade. In: COUTO SOUZA, Edvaldo; GOELLNER VILODRE, Silvana (Org.). *Corpo mutantes: ensaios sobre novas (d)eficiências corporais*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2009. p. 143-163.

ROUANET, Sérgio Paulo. O homem-máquina hoje. In: NOVAES, Aduino (Org.). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 37-64.

RUIZ DE LA PEÑA, R. L. *La pascua de la creación: escatología*. 2. ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2002. (Serie Manuales de teología).

SONG, Robert. *Genética humana: fabricando o futuro*. São Paulo: Loyola, 2005.

SOUZA, Valdomiro José de. *Projeto genoma humano: utopia do homem geneticamente perfeito*. São Paulo: Loyola, 2004.

WESTPHAL, Euler Renato. *Ciência e bioética: um olhar teológico*. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

Recebido: 12/05/2011

Avaliado: 25/07/2011